

O DESPERTAR DO NEFILIM
A BATALHA
DOS CAÍDOS
DAVID COSTA



FICHA TÉCNICA

Título: O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

Autor: David Costa

Capa: Ricardo Ferreira (multitudo.net@gmail.com)

ISBN: 978-989-98871-7-6

Depósito Legal: 476205/20

Edição: NoTag 2020

Copyright© 2020 | NoTag

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, seja electrónico, mecânico, de fotocópia, de gravação ou outros sem autorização prévia por escrito do autor.

O DESPERTAR DO NEFILIM
A BATALHA
DOS CAÍDOS

DAVID COSTA

Para os meus diabretes Afonso e Maria

Para a Carla

PRÓLOGO

Meia-noite, a hora mais negra. Os seguidores de Lúcifer acreditam que é a hora em que o poder de Deus quase se eclipsa, que é a hora em que o véu entre os mundos quase desaparece, que é o momento em que o negrume toma conta da Terra, deixando-a mais vulnerável à influência dos demónios. Por todo o mundo eram realizados rituais satânicos a essa hora, aumentando o negrume das almas, empolando o poder dos demónios. Era por isso, o momento ideal para falar com o Mestre. Tudo estava a postos, tudo tinha sido preparado até ao mais ínfimo pormenor, meticulosamente planeado. Depois de tantas tentativas, aquela era a noite. Só podia ser naquela noite.

Era bem conhecido o gosto de Marco por jovens raparigas virgens, cuja inocência ainda não tinha sido maculada. Mas apesar da dificuldade em encontrar tais vítimas, nenhuma delas lhe tinha dado o sucesso que ele desejava, pelo que mudara de estratégia e a vítima dessa noite era um sem-abrigo, um indigente. Assim não levantaria tantas suspeitas pelo seu desaparecimento. Ninguém daria pela falta desse pária, nem andariam depois a fazer perguntas incómodas à porta de sua casa. Talvez até estivesse a fazer um favor à sociedade, ao escolher um potencial criminoso, um parasita, que de certeza se valia da boa vontade alheia para sobreviver sem mexer um dedo. Se se tivesse lembrado disso mais cedo, podia ter evitado muitas chatices e escusava de ter mudado tantas vezes de cidade. Mas nada disso importava, apenas a missão era importante.

O corpo dessangrado com a garganta degolada estava prostrado

no chão, sem vida, a um canto da sala, com os olhos abertos a fitarem o vazio, como dois poços brancos com duas pequenas pintas negras no centro. O cheiro a urina e a suor vindos do corpo sem vida misturavam-se com o forte odor a enxofre que empestava o ar, prenúncio de forças demoníacas que estavam prestes a emergir no nosso plano. Era o primeiro sinal.

As luzes estavam apagadas e a iluminação era fornecida por treze velas negras, colocadas em redor de uma mesa baixa de tampo negro que ostentava um pentagrama desenhado com o sangue da vítima. A mesa estava no meio da sala sobre uma tapete vermelha e naquele momento parecia ser o centro de tudo. No centro da mesa estava um recipiente de vidro fosco, cheio de sangue viscoso. As grossas cortinas negras que cobriam a janela da sala abafavam os ruídos que se esgueiravam por entre o silêncio da noite.

Marco aguardava pacientemente, ajoelhado junto à mesa, de braços cruzados, olhos fechados e sobrolho franzido. Assim tinha permanecido em muitas outras noites, aguardando, sem resposta.

As velas ardiam com uma chama imóvel e azulada que lhe vinculava as rugas no rosto e cingiam a iluminação às proximidades da mesa, envolvendo tudo o resto nas trevas, em sombras traiçoeiras. No recipiente, o sangue permanecia imóvel, calmo como um lago num dia soalheiro. O silêncio absoluto reinava na sala.

Ao fim de algum tempo, Marco começava a desesperar. Um ligeiro tremor no olho denunciava o nervosismo que se ia apoderando de si. “Mais uma vez não”, pensou ele, ao antever um novo fracasso. Seria humilhante ter sido escolhido para educar o filho do Diabo e não ter a honra de terminar o que lhe havia sido pedido. Seguiu todas as instruções, tudo o que Lúcifer lhe tinha solicitado. Merecia aquela honra. Merecia aquele reconhecimento.

Começou a desesperar. Cada vez que ia ter com o filho de Lúcifer e lhe comunicava o fracasso, o rapaz gozava-o, humilhava-o. Já chegava, iria aguardar o tempo que fosse necessário.

A temperatura da sala desceu. O corpo humano que Marco possuía respondeu à mudança de temperatura com um arrepio na espinha e os pelos a eriçarem-se. A essência negra removeu-se no inte-

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

rior do recetáculo, com um misto de medo e expectativa. Até que por fim, ainda que lentamente, o sangue começou a borbulhar. Pequenas bolhas de ar emergiam lentamente e rebentavam na superfície. Subitamente, parecia que algo ou alguém emergia do poço rubro. Tinha conseguido, finalmente. Ao fim de quinze anos, o Mestre ia por fim contactá-lo, ver o trabalho que tinha feito com o Escolhido.

Marco abriu os olhos e o vermelho da retina tomou a vez do negro.

– Mastro (mestre)... – disse o homem a medo, orgulhoso, mas receoso. – *Kiel mi provas servi vin* (como posso servir-vos)?

– *La knabo* (o rapaz)? – disse uma voz grave, no meio do borbulhar do sangue.

– *Li estas preta* (ele está preparado). – respondeu Marco... – *Atendi viajn ordojn* (aguarda as vossas ordens).

– *Granda* (ótimo). – respondeu a voz vinda do sangue. – *Ji venis tempo* (chegou a hora). *La stonoj estas em movimenti* (as pedras estão em movimento). *La Sango de la Falinta serjos la Glavo* (o Sangue do Caído vai procurar a Espada).

– *Tiam... Ni devas trovi lin antaj tio* (Então... devemos encontrá-lo antes disso). – disse o homem alarmado pela revelação, reconhecendo o perigo que representava a Espada de Miguel para a sua espécie.

– *Ne* (não). – respondeu calmamente a voz vinda do sangue. – *Lasu la* (deixa-o).

– *Sed, Mastro* (mas, Mestre...).

– *Silento* (silêncio)! – gritou a voz. O homem encolheu-se, o sangue salpicou do recipiente como se tivesse sido atingido por uma pedra:

– *Nuntempe, ni lin* (por agora, deixa-o). – disse mais calmamente. – *Mi havas planojn por li* (tenho planos para ele).

– *Cxar la Sango Falinta* (para o Sangue do Caído)?

– *Jes* (sim). *Nun ni lasu gin* (Por agora deixemo-lo).

Marco engoliu em seco. Era ordem prioritária para os demónios encontrar o Sangue de Miguel e levá-lo para libertar Lúcifer, mas o rei do Inferno dava agora ordem para o deixarem em paz.

– *Kaj la knabo* (e o rapaz)? – perguntou, resignado.

– *Sendintoj* (manda-o). *Mia vojo devas esti preta* (O meu caminho deve estar preparado). *Kiu estas proksime, kaj atendi ordojn* (ele que esteja próximo, que aguarde ordens).

– *Kiel la Mastro ordo* (como o Mestre ordene), – disse humildemente Marco, baixando a cabeça.

– *La dukoj igis senfruktaj* (Os duques tornaram-se ociosos), – disse a voz. – *Oni devas rememo-rigi ilian celon* (devem ser lembrados do seu propósito). *Kiu vin sercas, kaj memoras ilin* (ele que os procure e que os relembre).

O sangue parou de borbulhar e a voz silenciou-se tão rápido como tinha aparecido. O homem levantou-se, os olhos voltaram a ficar negros como azeviche. Sorriu. Ainda que por breves momentos, o Mestre tinha-lhe dado a honra de o contactar e agora não lhe podia falhar. Nos últimos quinze anos tinha preparado o rapaz para aquele momento, para preparar a chegada do Rei do Inferno e dos seus tenentes, e a hora aproximava-se. Não conhecia de todo os planos de Lúcifer, mas sabia que o seu protegido tinha um papel importante a desempenhar no final.

Soprou ao de leve e as velas apagaram-se de imediato. As luzes acenderam-se sozinhas e a sala ficou novamente iluminada. A temperatura ambiente voltou ao normal.

Dirigiu-se ao quarto do rapaz. Lembrava-se de o ter visto entrar com uma rapariga mais velha do que ele, com os seus vinte anos, roupas provocantes, cabelo castanho a cair pelos ombros e lábios pintados de um vermelho berrante. Não sabia o que estariam a fazer no quarto, mas os gemidos que tinha ouvido antes deixavam-no adivinhar. Muitas das vítimas sacrificadas tinham sido levadas pelo seu protegido, que, apesar de novo, tinha a correr-lhe no sangue a experiência de alguém mais velho, e ele valia-se disso, seduzindo quem ele quisesse. Marco chegava a temê-lo e tinha razões para isso.

Mas tal não importava nada para agora. Tinha de o informar das ordens do Mestre, a honra era demasiado grande para esperar.

Atravessou o corredor e encostou a cabeça à porta. Não ouviu nada. Bateu.

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

– Sim – respondeu o seu protegido do lado de dentro.

O homem abriu a porta e viu a rapariga deitada na cama, ao lado do rapaz, com a cabeça pousada no seu braço enquanto ele lhe afagava o cabelo ondulado, nua, de olhos fechados, e um corte na garganta por onde se tinha esvaído a vida. O sangue alastrou-se e manchou os lençóis brancos.

– O que fizeste, Lúcio? – perguntou.

O rapaz encolheu os ombros, desinteressado, com o rosto encoberto pelas sombras, escondendo-lhe as feições.

– Já estava farto de a ouvir a tagarelar – respondeu com frieza.

– Também já vi que arranjaste outro para esta noite. Novidades? Conseguiu, desta vez? – perguntou num tom algo acusatório, denunciando as anteriores tentativas frustradas do seu mentor em contactar Lúcifér.

– O Mestre contactou-me. – respondeu o Marco com o orgulho bem patente na voz, ignorando o tom trocista do seu protegido.

O rapaz atirou o corpo sem vida da rapariga para o lado como se fosse um farrapo, deixando-o numa posição estranha e sentou-se na cama. Aguardou alguns segundos.

– E então? – perguntou.

– Está na hora. Prepara-te, vamos sair daqui.

O rapaz sorriu, e os olhos vermelhos refulgiram no escuro.

CAPÍTULO 1

ARTUR

Um Mercedes preto parou junto às ruínas da igreja que não era mais do que um monumento negro de paredes disformes e pedras amontoadas no meio do imenso manto branco em que se tinha transformado a serra.

Vários dias depois do acidente não havia vestígios de rodados de carros nem caminhões. Provavelmente ninguém se tinha dado conta do incêndio e os bombeiros nem tinham sido alertados para intervir no acidente que quase consumiu a velha igreja por completo. A neve branca tinha tapado quaisquer pegadas e qualquer vestígio da presença de alguém.

Cinco homens apearam-se da viatura. Um deles, que saiu do lugar do pendura, realçava-se dos demais. Envergava uma gabardina castanha vestida sobre um fato escuro. Era relativamente novo, na casa dos quarenta anos, cabelo castanho penteado para trás, com alguns fios brancos a aparecerem no couro cabeludo, ombros largos e quase um metro e noventa de altura. Dava a sensação de que, por mais que mergulhasse na porcaria, saía sempre imaculado. Usava óculos escuros e as rugas de expressão vincavam-lhe um rosto sisudo, pesado, sério, que parecia esculpido a cinzel.

O homem olhou em redor, guardando cada imagem na sua memória. Inspirou demoradamente, como se pelo olfato tentasse descobrir alguma coisa que pudesse escapar ao sentido da visão.

Os outros quatro homens aguardavam as suas ordens em silên-

cio, sem ousarem mexer em nada sem que tal lhes fosse ordenado.

O homem avançou calmamente até perto das ruínas, olhando à sua volta. Tirou um par de luvas de látex do bolso e calçou-as lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo para o fazer. Sentia o corpo a vibrar, como se os seus sentidos estivessem a querer dizer-lhe alguma coisa, a alertá-lo para algum perigo. Os últimos meses tinham sido complicados. Com tanta atividade demoníaca, sentia cada vez mais dificuldade em controlá-lo, em mantê-lo sob a sua vontade, mas o feitiço era forte. Não tão forte como há séculos atrás, mas forte o suficiente para o controlar, pelo menos para já. Bastava concentrar-se e remetê-lo para o seu subconsciente, usando todas as suas faculdades sem sucumbir, no entanto, ao seu poder. As tatuagens que lhe percorriam o corpo fervilhavam quando o feitiço era atijado e forçado a atuar.

Aninhou-se e, sob o olhar dos demais, tateou o solo procurando informações. Sem olhar para trás, dirigiu palavra aos presentes:

– Virem tudo do avesso – disse com voz calma e grave. – Já chegámos com mais de uma semana de atraso, não podemos perder mais tempo. Vamos tentar perceber o que se passou aqui e para onde foram.

Sem dizerem qualquer palavra, os outros obedeceram de imediato. Vestiram um fato-macaco cinzento por cima da roupa e calçaram luvas grossas. Rapidamente, mas com cuidado, começaram a desviar pedras e traves de madeira, tentando encontrar alguma pista que lhes pudesse explicar o que verdadeiramente se tinha passado ali.

O homem que parecia ser o responsável aguardou, com os braços cruzados e olhar carrancudo. Ocasionalmente franzia o nariz e inspirava. O seu nariz apurado conseguia detetar o cheiro a enxofre a centenas de metros, e aquele lugar estava impregnado dele.

– Malditos demónios... – murmurou entre dentes.

– Senhor, aqui! – gritou um dos homens.

Nenhum dos outros deixou o que estava a fazer e continuaram a tirar o entulho do caminho para conseguirem encontrar alguma coisa que os pudesse ajudar.

O homem entrou no meio da confusão, pisando cuidadosamente

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

o chão traiçoeiro. Aproximou-se do homem que o tinha chamado e que apontava para algo no chão. Aninhou-se, e com a mão enluvada pegou em algo carbonizado. Soprou a sujidade de cima e observou-o minuciosamente. Levantou-se.

– O que te parece? – perguntou, como se o estivesse a testar.

– Parece-me um osso, senhor. – respondeu o outro.

– Um fémur, para ser mais exato. Vês como está afiado na ponta?

– o outro acenou afirmativamente. – Este osso serviu de arma.

– De arma?

– Sim – anuiu o homem, rodando o osso na sua mão. Passou o dedo e sentiu uma réstia de óleo sagrado no objeto. Disse: Depois do exorcismo, esta é a arma mais poderosa contra os demónios, mas não salva o corpo.

O outro homem ergueu as sobrancelhas, mas não ousou perguntar mais nada. Parecia algo selvagem demais para o que eles aprendiam enquanto recrutas dos Guerreiros de Deus.

– Em breve vais saber mais. – disse o homem, atirando o osso para o chão e sacudindo as mãos de seguida. – Bom trabalho, continua.

O outro anuiu com um aceno de cabeça e continuou o trabalho.

O homem deitou um último olhar para o osso caído. Sempre achara que o uso do osso era primitivo e violento, mas não condenava quem o usava. A guerra estava renhida e deviam usar tudo para sua vantagem.

Avançou mais uns passos e depois olhou demoradamente para as ruínas da igreja. Algumas paredes ainda se mantinham de pé mas sem segurança e o telhado tinha desabado por completo. Parecia que um simples sopro poderia fazer tudo desabar. Era como se o fogo tivesse sido extinto antes de ter consumido toda a igreja. Mas porquê?

Bateu em algo com o pé e todo o seu corpo tremeu. As tatuagens vibraram em alerta e sentiu um choque dentro de si. Fechou e abriu os punhos várias vezes e inspirou fundo, sentindo algo a remover-se dentro do seu ser. Aninhou-se e afastou algumas pedras. Deparou-se com um corpo carbonizado com a carne negra a cobrir os ossos quebradiços. Sem qualquer cerimónia, enfiou dois dedos num bocado

de carne queimada e remexeu. Depois levou-os ao nariz e inspirou, absorvendo o cheiro. Enxofre. Aquele corpo tinha estado possuído pouco antes de ter sido consumido pelas chamas.

– Desleixaste-te, João. – voltou a murmurar o homem, esfregando os dedos. – Deixaste um demónio aproximar-se da igreja e aproximar-se de ti. Podias ter deitado tudo a perder, se é que não o fizeste.

– Senhor! Aqui! Rápido! – chamou outro dos homens enquanto afastava uma viga de madeira com a ajuda de outro colega.

– O que foi? O que encontraste? – perguntou o homem enquanto se dirigia para o que o chamou.

– Veja. – apontou para uma argola que havia no chão.

– Parece um alçapão – disse o homem. – Ajudem aqui! – chamou os outros.

Os quatro homens tiraram os destroços do lugar onde outrora havia a sacristia e deixaram o alçapão à vista. Um deles puxou a argola e a porta abriu-se. Lá em baixo estava escuro como breu, mas o cheiro a enxofre era nauseabundo.

– Senhor, acha que...

– Querem recuar? – vociferou o homem. Ninguém respondeu. – Se querem vir a ser Guerreiros de Deus, não podem recuar só por causa do cheiro a enxofre. Quando se sente este cheiro, nós avançamos.

– Sim, senhor. – disse o homem de olhos baixos, acatando a reprimenda.

– Arranjem-me uma lanterna.

Não tardou a que aparecesse um dos homens com o pedido. O homem pegou na lanterna e desceu sozinho pelas frágeis escadas de madeira que rangiam sob os seus pés e exibiam bocados queimados que as tornavam ainda mais perigosas, alheio aos perigos que podia encontrar. Uma vez lá em baixo, acendeu a lanterna e deparou-se com um longo corredor. Seguiu-o, pisando cuidadosamente o solo desconhecido ao mesmo tempo que afastava alguns obstáculos do caminho, iluminando o corredor com um fino feixe de luz amarelo até que se deparou com a câmara abobadada e com cinco celas aber-

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

tas. Inspecionou uma a uma, até encontrar uma com um corpo deitado de borco no centro, dentro de um pentagrama. Virou a lanterna em várias direções, observou as paredes manchadas de sangue e viu uma mesa com o ritual de exorcismo e um recipiente com água. Ao inspecionar o chão viu a cabeça de João. Não conseguiu evitar um esgar de repulsa.

– Desta vez tiveste pouca sorte, velho amigo. – disse com um certo pesar na voz, mas não deu mais importância à cabeça decapitada.

Aproximou-se do pentagrama e entrou dentro da sua proteção. Cuidadosamente verificou o desenho e as runas e constatou que mesmo que o corpo ainda estivesse possuído não conseguiria escapar. Aninhou-se junto ao corpo e virou-o. Reparou que já estava em avançado estado de decomposição. Sentiu um forte cheiro a enxofre emanar do corpo e apercebeu-se que os olhos estavam queimados, formando uma orla negra em redor da órbita ocular. Era sinal de que o corpo tinha estado possuído por algum demónio poderoso e que mesmo que o demónio fosse exorcizado, o corpo nunca conseguiria sobreviver.

– Bom, tu estás inteira – refletiu. – Pelos vistos eram dois possuídos – Levantou-se –, mas nem sinal do descendente de Miguel – constatou, preocupado.

Deu mais uma olhadela pelo subterrâneo e regressou para cima, para junto dos seus homens.

– Continuem à procura, precisamos de pistas e certezas – ordenou. – Revirem tudo.

Entregou a lanterna a um dos homens e saiu das ruínas.

Enquanto os homens inspecionavam o que restava da igreja, levantando cada pedra, erguendo cada viga, ele começou a andar em redor do edifício, à procura. Deteve-se junto ao anexo que servia de aposento a João. Como que por milagre, aquele pequeno cubículo tinha ficado incólume. Espicaçado pela curiosidade, o homem empurrou a porta e foi bafejado por cheiro a mofo e a velho. Viu as estantes carregadas de livros e inúmeros escritos espalhados pelo chão e pela mesa, folhas soltas e apontamentos deixados pelo antigo

padre. Talvez conseguisse descobrir alguma coisa que o levasse até ao Nefilim.

Entrou. Uma vez lá dentro, tirou os óculos escuros, colocou-os no bolso da gabardina e começou a deambular pelo local. Com os dedos ia tocando as lombadas dos livros que estavam nas estantes, lendo as inscrições, os títulos, sentindo-lhes a antiguidade de onde vinham. Não deixou de ficar surpreendido com a coleção que João tinha e perguntava-se como a teria conseguido. Conhecia alguns dos tomos, mas muitos deles eram-lhe desconhecidos. Foi tirando alguns deles, bem como uns escritos enrolados e levou-os para cima da mesa. Sentou-se e começou a folheá-los. As folhas quebradiças iam-se virando e iam-lhe revelando o que João sabia.

Passaram algumas horas... O sol subia bem alto e o tempo aqueceu ligeiramente, mas o frio continuava cortante. O homem já tinha visto alguns livros, mas não tinha conseguido encontrar nada. Inspirou fundo, controlando a frustração.

Levantou-se e preparava-se para sair do pequeno cubículo quando olhou para a estante de onde tinha tirado os livros e algo lhe chamou a atenção. Olhou novamente. Não tinha reparado num pequeno bloco de apontamentos que estava escondido atrás dos livros. Aproximou-se da estante e pegou-o. Começou a lê-lo e, não fosse o rosto de pedra, tinha começado a sorrir.

Saiu do pequeno cubículo no preciso momento em que os seus homens iam ter com ele. Estavam sujos e cobertos de fuligem, mas de rosto pesado. Não tinham encontrado nada e temiam dizê-lo ao seu chefe.

– Senhor, – disse um deles – não conseguimos encontrar nada, a não ser dois corpos carbonizados, um deles sem cabeça, mas nenhuma pista do lugar para onde foram, ou se o Sangue de Miguel foi capturado.

– Se ele tivesse sido capturado, já saberíamos – disse o homem, colocando lentamente os óculos de novo no rosto. – Os demónios estão desesperados por libertar Lúcifer e mal apanhem o Nefilim abrem o portão do Inferno, por isso temos de encontrá-lo, rapidamente.

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

– Mas como, senhor?

O homem tirou o bloco do bolso.

– Estão aqui nomes – disse. – Os contactos de João, ao que parece. Alguém deve saber alguma coisa. Agora vamos embora. Ficar aqui é uma perda de tempo.

Os cinco dirigiram-se para o Mercedes, mas pelo caminho o homem tirou um telemóvel do bolso e procurou um nome na lista de contactos. Carregou no ícone de chamada e aguardou.

Não teve que esperar muito para que atendessem. Parecia que estavam à espera da sua chamada.

– Artur. – disse uma voz quase sussurrada do outro lado da linha.

– Eminência – assentiu o homem.

– Tens novidades para mim? – perguntou a voz do outro lado.

– O João morreu – respondeu o homem.

Fez-se silêncio do outro lado da linha. O homem chegou as golas da gabardina ao pescoço para se esquivar do frio que se fazia sentir na serra.

– Eminência? – perguntou, estranhando o silêncio do Cardeal com quem falava.

– Sim. Desculpa, Artur – disse o Cardeal. – Rezava pela sua alma. Era um bom soldado e tinha boas intenções, mas infelizmente desviou-se do caminho certo. Mas ensinou-nos muito.

– Sim, Eminência – anuiu o homem.

– Havia vestígios de demónios?

– Sim, mas tudo leva a crer que os demónios foram enviados de volta. Um deles estava carbonizado, outro tinha o corpo numa prisão. Não encontrei vestígios de que tivessem estado cá mais demónios.

– Então, achas que o Sangue de Miguel escapou? Os demónios não o apanharam?

– Nada me leva a acreditar no contrário, Eminência, mas devemos ter cautela. Não temos certezas, apenas suposições.

– Claro, Artur. Cauteloso, como sempre. Por isso és o meu melhor soldado.

– Obrigado, Eminência – agradeceu o homem.

– Tenta descobrir o que conseguires, e depois parte à procura do Sangue de Miguel – ordenou o Cardeal. – Ele não pode cair nas mãos dos demónios. Devemos apanhá-lo primeiro, e Deus nos perdoe pela vida que vamos tirar.

– Como ordene, Eminência.

– É tudo, Artur.

– Que a graça de Deus caia sobre os seus guerreiros – disse o homem.

– Que a graça de Deus caia sobre os seus guerreiros – respondeu o Cardeal, terminando a chamada.

Alguma da neve começava a derreter ao receber os raios do sol que subia cada vez mais alto a caminho do zénite, mas o manto branco ia manter-se durante o resto do dia.

Artur inspirou fundo. O ar frio congelava-lhe os pulmões. Os homens aguardavam no carro. Artur entrou e o veículo arrancou.

– Havia uma rapariga que acompanhava João – disse Artur, folheando o bloco. – Uma protegida. Chamava-se Sandra. Não encontrei o corpo dela. Suponho que esteja a ajudar o nosso fugitivo.

– E como os vamos encontrar?

– Vamos procurar os nomes neste bloco. Interrogamos os contactos de João e usamos os meios necessários para conseguirmos as informações que procuramos.

CAPÍTULO 2

CARDEAL

Num outro ponto do globo, o Cardeal pousou o auscultador do telefone e suspirou. Sentia-se cansado. Já não tinha a força de Artur, longe disso, mas não seria de esperar outra coisa aos seus oitenta e um anos. Olhou pela janela do escritório e viu o sol a subir lentamente sob um céu azul, por trás da montanha que se erguia ao longe, com o cume branco de neve a refletir a luz matinal, assemelhando-se a um espelho. Uma agradável luz quente atravessava os vidros e iluminava a sala onde o clérigo estava.

O seu escritório particular não carecia de qualquer conforto, sendo a mobília da melhor madeira que se conseguia arranjar, com acabamentos requintados e a cadeira de costas altas onde se sentava era almofadada a vermelho, a sua cor preferida. Na parede em frente à secretária estava um quadro com a imagem do papa pintado por ele próprio nos poucos tempos livres que tinha, e atrás de si tinha uma fotografia sua, onde estava com pose altiva, envergando as vestes típicas de Cardeal, indumentária que não usava no dia-a-dia, ao contrário de muitos dos seus pares. Preferia usar uma vestimenta mais simples: casaco, camisa e calças negras, sem dispensar o cabeção branco no colarinho.

Refletiu um pouco antes de fazer alguma coisa. Cofiou o queixo e fechou os olhos. Estava visivelmente abatido. O cabelo branco rareava na cabeça, as sobrancelhas farfalhudas e negras cada vez tinham mais fios brancos no meio e as olheiras caídas denunciavam alguém que não descansava tranquilamente há muito tempo,

há tempo demais.

Levantou-se da cadeira, um gesto lento e moroso, com dores sentidas em vários pontos do corpo. Com o passo meio arrastado, avançou para a janela e deixou que a luz quente do Sol matinal o banhasse, aquecendo-lhe o corpo, preparando-o para mais um dia.

Deitou mais um olhar para a vila que se erguia em redor da sua habitação, com casas pequenas, de construção rústica, pedra sobre pedra, telhados de telha preta, ruas serpenteantes de pedra, estreitas, por onde as pessoas ainda se deslocavam maioritariamente de bicicleta e lambreta. No meio da vila, a torre branca da igreja elevava-se imponentemente, à vista de todos, com o enorme relógio a marcar as horas. Em redor da vila erguia-se uma pequena muralha medieval que em tempos protegera a localidade e era agora motivo de visita de inúmeros turistas que na época estival enchiam as ruas, para alegria dos pequenos comerciantes que viviam da venda de recordações.

A casa do Cardeal erguia-se acima de qualquer outra. Quando não estava no Vaticano, retirava-se para a pacatez da vila, onde tinha mordomias que mais ninguém tinha e gozava do respeito das gentes que ali habitavam.

Inspirou fundo. Em breve tomaria o pequeno-almoço, depois sairia para passear um pouco para mais tarde entrar em contacto com Artur, para saber mais novidades.

Já havia alguns anos que formara os Guerreiros de Deus, quando os demónios começaram a tornar-se mais audazes e a não temerem a luz do dia. Formou a irmandade quase em segredo, recrutando alguns homens perdidos, pecadores que procuravam a redenção ao executarem o trabalho de Deus, ou pelo menos assim eram convencidos.

A redenção... também o Cardeal procurava salvar a sua alma. O que tinha feito no passado roía-o por dentro à medida que o tempo passava e o fim se aproximava. Tentava a todo o custo redimir-se, na esperança de que no fim o Criador tivesse compaixão dele e desfizesse o que tinha sido feito.

Alguém bateu à porta e chamou-o de volta à realidade. O Cardeal olhou para o luxuoso relógio que tinha no pulso e franziu o sobrolho. Ainda não era hora do pequeno-almoço e os criados costuma-

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

vam ser pontuais.

– Entre – disse o Cardeal.

A porta abriu-se e por lá entrou uma jovem criada, envergando um curto vestido negro, com avental branco sobre o mesmo e o negro cabelo preso num carrapito. Era jovem, muito jovem para um trabalho daqueles, alta, esbelta, de curvas generosas e cara jovial. De cabeça baixa, mãos juntas à frente do corpo e passos curtos aproximou-se do Cardeal, ajoelhou-se e ele estendeu-lhe a mão. A rapariga beijou-lhe o anel reverentemente e levantou-se, sempre de olhos baixos.

– Que queres, minha filha? – perguntou o Cardeal, passando a mão áspera e enrugada na cara macia da jovem. Aquele toque fazia-o sentir vivo outra vez.

Há quanto tempo não sentia uma pele tão macia na ponta dos seus dedos. Deu por si a fantasiar com a rapariga:, o sangue começou a palpitar-lhe nas veias e descer até ao seu membro másculo que há anos não passava de um simples... “adereço”. Sim, podia aproveitar-se do seu estatuto e fazer daquela rapariga o que quisesse, sem que ninguém o contestasse, como tinha feito muitas vezes, há anos atrás.

Mas não, isso era passado. Tentava a todo o custo apagar da memória as coisas que tinha feito enquanto ainda era bispo, e mesmo quando era Cardeal, mas os risos das crianças que ouvia a brincar na rua transportavam-no de volta a esse tempo em que os risos infantis se tornavam em silêncio quando ele as tocava.

Como se tivesse sentido um choque, afastou a mão da rapariga e recuou um passo, com a respiração ofegante e um volume inco-modativo a formar-se nas calças negras que vestia. Para disfarçar, enfiou a mão no bolso. Engoliu em seco.

– Eminência, um homem quer falar consigo – disse a jovem, aliviada por estar livre do toque do Cardeal.

– Um homem? Quem é?

– Não disse o nome, Eminência. Apenas insistiu que queria falar consigo...

– Bom dia, velho amigo! – disse alegremente alguém que atravessou a porta e se deteve logo de seguida, como se aguardasse ordem para entrar.

CAPÍTULO 3

GONÇALO

Vários cheiros misturavam-se no ar, tornando-o quase irrespirável; perfumes misturados com suor, laca, gel... nervosismo. Muito nervosismo.

Gonçalo olhou à sua volta, atónito. Começava aos poucos a lembrar-se daquilo, de já ter estado ali. Dezenas de jovens à procura de uma oportunidade para singrarem no mundo da moda e da televisão. Lembrava-se daquele momento, o seu primeiro *casting*.

As raparigas misturavam-se com os rapazes, muitos deles amigos de infância e até namorados, com roupas que deixavam antever os corpos excessivamente magros ou musculados. Todos tentavam proferir palavras de conforto e de força uns aos outros, mas as vozes trémulas e os tiques corporais denunciavam o nervoso miudinho que sentiam.

Gonçalo olhou à sua volta, só para ter a certeza, mas não sabia como tinha ido parar ali. Lembrava-se de ter adormecido no jipe de Sandra, já a noite ia longa, junto a uma igreja para fugirem ao radar dos demónios, ficando ocultos pelo solo sagrado, mas por qualquer motivo tinha voltado atrás no tempo. Estava confuso, tão confuso.

Estava no anfiteatro dos bombeiros voluntários da sua vila natal, onde um grupo de “gurus” da moda se tinha deslocado, fazendo parte de uma digressão que estavam a fazer pelo norte do país à procura de potenciais modelos. Gonçalo tinha sido desafiado por Alfredo a concorrer e, apesar de reticente no início, tinha acabado por aceitar.

Lembrava-se de recusar o desafio do amigo porque a mãe estava no hospital, a recuperar de uma apendicite à qual teve de ser operada de urgência, e ele, com os seus dezassete anos, não se sentia bem para participar fosse no que fosse, mas foi a própria dona Lucinda que o encorajou a ir, ainda na cama do hospital, fraca mas sempre com aquele sorriso na cara.

O palco estava a postos para o desfile, e ele ainda não tinha percebido porque estava de volta àquele lugar. Sentia-se perdido, tal como se tinha sentido naquele dia no meio de tanta maquilhagem e de tantos penteados estrambólicos, exagerados até, na tentativa de agradar aos membros do júri.

Olhou para baixo do palco e viu os cinco membros do jurado, três homens e duas mulheres, de pose altiva, sentados atrás de uma mesa com os portfólios dos candidatos à sua frente, com caras de enjoados, prestes a fuzilar com o olhar quem não lhes agradasse. Ouvia sopros vindos de todos os lados, os candidatos saltitavam ora num pé ora no outro, com os números de participação a descolarem-se muitas das vezes da roupa, aumentando o nervosismo à medida que os corações lhes saltavam no peito.

Aquelas luzes quentes apontadas para eles, fazendo com que as roupas se colassem ao corpo.

– Vamos começar! – gritou uma voz no meio dos candidatos.

Gonçalo lembrava-se daquela mulher, quarentona, elegante, com óculos de armação grossa, mas que lhe davam um ar sexy e mandro, aliados aos grossos lábios pintados de vermelho vivo e ao vestido curto e justo que usava. Parecia ser ela a responsável por tudo, andando de um lado para o outro, incansável, sem que lhe escorresse uma única gota de suor rosto abaixo, agarrada à sua capa de mola com os nomes dos participantes.

Mas por que estaria de volta? Sentia-se tão confuso.

Olhou para a plateia, tal como fizera naquele dia, e viu o seu amigo Alfredo no meio de pais, familiares e amigos dos participantes, com a confiança a irradiar no seu rosto sorridente. O agente piscou-lhe o olho e ergueu o dedo polegar, como que dizendo que ia correr tudo bem.

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

Estranho, ... sabia que no final só ele e outro rapaz iam ser selecionados e a partir dali continuaria a sua carreira de sucesso, mas estava a sentir tudo como se fosse a primeira vez, os nervos, a expectativa. Então... será que...

Virou-se, lentamente. Os ruídos, os burburinhos começaram a parecer distantes, indiferentes, abafados gradualmente aos seus ouvidos. Lembrou-se. Os olhos marearam-se de lágrimas, um nó formou-se na garganta e viu-o a espreitar pelas cortinas do palco, como tinha feito há anos. Gonçalo sorriu, tudo o resto não interessava: o *casting*, os amigos, o Alfredo... apenas ele, que estava ali, de volta. Estaria a ter uma segunda oportunidade? Não sabia, não queria saber.

O homem que espreitava sorriu-lhe. Gonçalo retribuiu-lhe o sorriso e apenas uma trémula palavra conseguiu que lhe saísse boca fora:

– Pai?

CAPÍTULO 4

CARDEAL

A jovem empregada do Cardeal olhou para a porta. O visitante tinha os seus quarenta e tal, ou cinquenta anos, cabelo negro penteado para trás com entradas proeminentes nos lados da cabeça. Tinha nariz fino e algo aquilino, lábios finos erguidos num sorriso e uma tez pálida, quase doentia. E um olhar penetrante, que extravasava confiança, daqueles olhares que faziam qualquer um desviar os olhos quando o enfrentava. Vestia um elegante fato preto, camisa azul clara e gravata preta. A indumentária era completada com uns sapatos a condizer com o fato e uma bengala de madeira, de pau castanho e uma bola no topo, dourada, reluzente e polida. Um mero adereço para completar a sua vaidade, pois o homem movia-se com a destreza de um rapaz de dezoito anos.

– É ele, Eminência – sussurrou a rapariga, quase a medo.

O Cardeal reconheceu o homem e não deixou de demonstrar que estava incomodado com a sua presença ali, arregalando os olhos e mostrando-se inquieto. Engoliu em seco.

– Por favor, deixa-nos, filha – disse o clérigo com a voz carregada, quase num sussurro. – Que ninguém nos incomode. Ninguém! – sublinhou.

– Como ordene – a rapariga fez uma pequena vénia e abandonou o escritório do Cardeal, de cabeça baixa, assustada com o homem que ali estava e lhe causava arrepios pela espinha.

Ao passar pelo homem, este não deixou de a examinar de alto a

baixo, e sorriu ao ver a bela rapariga a afastar-se com passo ligeiro. Conseguia cheirar-lhe o medo e o perfume que usava, adocicado, um regalo para os sentidos.

– Bom, vejo que desde a última vez que nos encontrámos, os teus gostos mudaram um bocadinho – ironizou o homem, seguindo a rapariga com os olhos até ela desaparecer numa esquina. – Agora gostas delas mais velhas?

– O que queres de mim, Mefistófeles? – perguntou o Cardeal, sem paciência para as graças do demónio negociante. – Ainda não chego a minha hora, sabes disso. Temos um acordo.

– Então? É assim que me tratas depois do negócio proveitoso que fizemos? Apenas vim... conversar – disse Mefistófeles, entrando por fim no escritório, para depois fechar calmamente a porta atrás de si, rodando a chave, trancando-os lá dentro. – Assim não somos incomodados. Podemos sentar-nos?

O Cardeal não respondeu. Sentia o estômago às voltas, suores frios e, a cambalear, dirigiu-se para a secretária, tentando mostrar-se seguro de si. Sentou-se pesadamente na cadeira de estofos vermelhos. Mefistófeles sentou-se à sua frente, sempre com um sorriso no rosto e sem tirar os olhos negros dos olhos cansados e raiados de vermelho do Cardeal.

– Não temos nada para conversar – retorquiu o Cardeal. – Há quanto tempo fizemos o acordo?

– Hum, deixa ver, uns quarenta anos? – respondeu Mefistófeles.

– Ainda me restam cinco anos, por isso agradeço que saias e venhas buscar o que é teu nessa altura.

– Então, então! – replicou o demónio, mexendo-se na cadeira onde se tinha sentado. – É assim que me tratas depois do que fiz por ti?

– A um custo demasiado elevado – respondeu o Cardeal.

Mefistófeles abriu os braços e abriu a boca, simulando espanto, como se quisesse descartar qualquer culpa no sucedido.

– Tu é que me chamaste – disse o demónio. – Eu sou um negociante, que querias que fizesse? Que te aconselhasse? Meu amigo, eu coço as tuas costas e tu coças as minhas. Nunca te escondi nada

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

acerca do nosso negócio.

– Bem sei – respondeu o Cardeal, resignado –, mas...

– Mas...? – o demónio debruçou-se sobre a secretária, sorriu e os seus olhos ficaram vermelhos como fogo. – Se bem me lembro, tinhas o papa e todo o Vaticano à perna. Os teus “apetites” por crianças eram uma desgraça para a tua... Igreja Católica. – Disse as palavras com desdém e nojo –, Mesmo naquela altura. Tinhas uma comissão de inquérito prestes a descobrir o que fazias, onde o fazias e com quem o fazias, recordas-te? Queriam fazer de ti um exemplo.

– Sim – respondeu o Cardeal, abatido, subitamente a transpirar.

– Mas foste ambicioso, para aquela altura. Lembras-te do que pediste? – o Cardeal não respondeu. – Para além de me pedires para matar o papa, ainda quiseste que eu mexesse uns cordelinhos para seres o Cardeal mais novo da história! E isto para não falar nas testemunhas que tiveram acidentes infelizes e se viram impedidas de testemunhar contra ti.

O Cardeal parecia estar a afundar-se na cadeira. Tinha os olhos fechados e coçava as têmporas com os dedos. Ao fim daqueles anos e com o fim próximo, preferia nunca ter vendido a alma a Mefistófeles, mas nada havia a fazer.

O clérigo abriu os olhos e enfrentou o olhar do demónio.

– E de pouco me serviu a promoção – disse, tentando justificar-se. – Não fui eleito papa em nenhum conclave.

– Mas isso não fazia parte do nosso acordo – rebateu Mefistófeles, com a voz calma como as águas de um lago num dia de verão e os olhos a voltarem à cor humana. – E agora descobri que andas a mandar rufias caçar demónios? Os meus irmãos?

– Ainda não caçámos os suficientes.

– Espera. – Mefistófeles colocou um ar surpreendido no rosto, levou a mão à boca, sorriu e arregalou os olhos –, Estás a tentar recuperar a tua alma. É isso? Pensas que se fizeres todo o Bem no mundo que vais ter uma segunda oportunidade? – soltou uma gargalhada sonora. – Esquece, velhote, já há um lugar reservado para ti lá em baixo, quentinho. Não vai demorar muito estarás a rolar num espeto como um javali gordo.

– Estou a fazer o meu trabalho – redarguiu o Cardeal.

Mefistófeles sorriu com desdém e levou a mão ao interior do casaco. Tirou de lá um pergaminho amarelo, enrolado e quebradiço. Desenrolou-o e alisou-o. Depois colocou-o na mesa, à frente do Cardeal.

– Conheces isto? – perguntou o demónio.

– Sim – respondeu contrariado o Cardeal, sem olhar para o que lá estava escrito. Não era necessário olhar.

Mefistófeles pegou no pergaminho, virou-o para si e começou a ler o que lá estava escrito:

– “Eu, D. Augusto, blá, blá, blá... bispo de blá, blá, blá... venho por este meio vender a alma a Mefistófeles...”, que sou eu,”... a troco da morte do Papa João XXI, blá, blá blá... e espero ser promovido a Cardeal nos tempos mais próximos, blá, blá, blá... e assim assino com o meu sangue...”. Reconheces esta assinatura?

– Sim, é minha – respondeu o Cardeal.

Mefistófeles enrolou o pergaminho e voltou a colocá-lo no interior do casaco.

CAPÍTULO 5

GONÇALO

– Pai... és tu? – perguntou Gonçalo, com um misto de desconfiança e de alegria a revolverem-se no seu interior.

O pai de Gonçalo avançou, entrou no palco, passando pelo meio dos participantes como água a passar pelo meio das pedras, ignorado pelos demais, invisível à sua visão. Estalou os dedos e tudo à sua volta parou. O tempo congelou. Gonçalo olhou em redor, as pessoas estavam imóveis, estáticas. Um papel com o número de um candidato ficou a meio caminho do chão, o olhar de outro ficou fixo no traseiro da diretora, um casal de namorados ficou a meio caminho de juntar os lábios. Apenas ele e o homem que parecia ser o seu pai se mexiam. De súbito, até os odores desapareceram e o silêncio abateu-se sobre o palco.

– Não, não sou o teu pai – respondeu o homem casualmente.

Gonçalo recuou um passo, assustado. Aquele homem parecia o seu pai, mas a voz... a voz era diferente, mas tão familiar. De repente, a sua mente voltou à igreja, aos sonhos que tinha tido. Recuou ainda mais, agora mais alerta do que assustado e instintivamente levou a mão ao interior do casaco, na esperança de que tivesse um osso consigo, mas nada encontrou. A respiração acelerou, o coração batia agora mais forte.

– Lúcifer – arriscou.

O homem riu-se e soltou uma gargalhada que ecoou pelo anfiteatro como um trovão.

– Nada tens a temer de mim – confessou, mas isso não descansou Gonçalo.

Voltou a estalar os dedos e à velocidade do pensamento foram transportados para outro lugar. Gonçalo ficou com a respiração suspensa como se tivesse sido sugado de um lugar para outro e sentiu-se a desequilibrar. Olhou à volta, de olhos arregalados, braços abertos e reparou que estava agora numa planície verde até onde a vista alcançava, sob um céu tão azul e tão perfeito que até feria a vista. Sentia o cheiro da erva verde a ser abanada pelo vento, libertando leves fragrâncias de flores, a brisa fresca a acariciar-lhe o rosto, o silêncio, a calma.

– Quem és tu? – questionou Gonçalo, adotando uma pose defensiva. Se aquele homem à sua frente fosse Lúcifer ou outro demónio qualquer, iria dar luta, oh, se iria.

– Calma – pediu o homem, erguendo as mãos num gesto apaziguador. – Não estou aqui para te fazer mal. Estou aqui para te tentar ajudar.

– Quem és tu? Responde. – Voltou a perguntar Gonçalo, desta vez dando a entender que não perguntaria outra vez.

– Pode ser difícil de acreditar, mesmo para ti, mas sou um anjo do Céu – respondeu o homem.

Gonçalo arregalou os olhos, apanhado de surpresa pela revelação e baixou a guarda.

– Um anjo? – dessa não estava à espera.

– Um arcanjo, para ser mais preciso.

– Um arcanjo, como...?

– Miguel, sim – anuiu o homem. – Miguel era meu irmão – confirmou, com pesar na voz, deixando bem visível a saudade que sentia do irmão, ao escapar-lhe um suspiro.

– E o *casting*, o meu pai? – apontou para o homem. – Por que tens a forma do meu pai? – perguntou agora mais calmo, em busca de uma explicação, mas também desiludido por tudo não passar de um sonho, ou uma alucinação, não sabia bem.

– A maioria dos humanos não está preparada para ver a nossa verdadeira forma – o arcanjo parecia escolher cuidadosamente cada

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

palavra que dizia. Não queria correr o risco de Gonçalo desconfiar dele. – Tu não estás preparado, provavelmente ficarias cego ou serias levado à loucura se te aparecesse com a minha verdadeira aparência. Apenas alguns escolhidos podem ouvir-nos e ver-nos sem sofrerem consequências. Chegarás a essa fase, mas para já o sangue angelical que te corre nas veias ainda está meio adormecido e a tua Fé está abalada. Não tenho razão?

Gonçalo não respondeu à pergunta, mas estava curioso.

– Então as histórias que se contam de pessoas que vêem anjos são verdadeiras.

– Algumas delas sim, outras não passam de visões, de paranoia. Mas sim, aparecemos a alguns, mas são raros os escolhidos. Desde os primórdios dos tempos que eu próprio apareci apenas a um punhado deles. Leste a Bíblia, Gonçalo?

O rapaz bufou de impaciência. Já lhe tinham feito a pergunta vezes demais.

– Sim – respondeu –, e sei quem são os arcanjos.

O arcanjo sorriu. Via no rapaz a essência de Miguel, irreverente.

– Então deves ter lido algumas passagens sobre mim. O meu nome é Gabriel, sou o arauto de Deus.

Gonçalo franziu o sobrolho. “Gabriel”... Sim, tinha lido sobre um anjo Gabriel, mas o quê? Naquele momento, as escrituras da Bíblia misturavam-se na sua cabeça como se estivessem numa batedeira, até que conseguiu lembrar-se do nome.

– Sim, já me lembro – disse Gonçalo. – Tu foste responsável por espalhar mensagens de Deus por alguns escolhidos.

– Sim – anuiu Gabriel.

– Mas não li só a Bíblia – disse Gonçalo cruzando os braços. – Tu anunciaste o nascimento de Cristo, apareceste a Maomé enquanto ele orava e se bem me lembro, muito antes disso trouxeste a destruição sobre Sodoma e Gomorra. Há quem diga que és o Anjo da Morte.

Gabriel cruzou os braços. Sabia que em alguns escritos o chamavam assim e em parte tinham razão para isso. Ele era a Palavra de Deus, e muitas vezes a Palavra não era nada amistosa.

– Vejo que as apresentações ficam feitas – replicou o arcanjo. – Mas podes ficar descansado, não estou aqui como Anjo da Morte.

– E isto? – Gonçalo abriu os braços, inquirindo tudo o que tinham passado. – Como é que estava no meu primeiro *casting*? E agora estamos aqui?

– De certeza que já te apercebeste que estamos num dos teus sonhos – respondeu o arcanjo. – Tive a sorte de teres um sonho sobre algo que te marcou e de o teu pai fazer parte dele. Assim, foi mais fácil chamar a tua atenção.

– Um sonho. – Alguma tristeza abateu-se sobre Gonçalo ao constatar que as suas suspeitas eram reais. Como queria que tudo aquilo fosse real, ao menos para ter uma última oportunidade de falar com o pai, de lhe dizer o quanto gostava dele e que lamentava não o ter acompanhado nos últimos momentos. Suspirou. – E este lugar? Onde estamos?

Gabriel olhou à volta, com um sorriso nos lábios. Colocou as mãos atrás das costas e começou a caminhar. Fez sinal a Gonçalo para que o seguisse e o rapaz assim fez, mas mantendo uma distância segura, pois ainda não estava verdadeiramente convencido do que se estava a passar. Tudo fazia com que começasse a desconfiar até da própria sombra.

– Isto é uma das ideias que vocês têm do Céu – respondeu o arcanjo.

Gonçalo arregalou os olhos e observou a paisagem. Realmente parecia sentir dentro de si uma paz infinita, um sossego como não sentia há muito.

– Então, isto é o Céu?

– Não – respondeu Gabriel –, o Céu é muito mais do que isto – disse com orgulho na voz. – Imagina uma cidade feita de ouro, tão resplandecente como um espelho, onde não há tempo, nem dor, nem morte. Onde o lobo anda com o cordeiro e o leão com a zebra. Um lugar perfeito, onde não há fome, nem choro, nem cansaço. Imagina isso, mas elevado ao infinito.

Gonçalo suspirou ao imaginar o lugar relatado por Gabriel.

– Que pena nada disto ser real.

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

– Eu sou real, Gonçalo.

– Como, se estamos num sonho? Quando acordar, nada disto terá acontecido.

– Por ser um sonho, não quer dizer que não seja real. – explicou o arcanjo. – Quando acordares eu terei desaparecido, mas esta conversa vai ficar gravada na tua mente. Vais recordar-te dela. Gostava de poder falar contigo enquanto estás vigilante, mas ainda há muita mágoa na tua alma. Estás forte, sobretudo depois de teres derrotado Lilith, mas ainda não tão forte para ouvires a nossa Palavra. Há muito que tento contactar-te, para te avisar do que estava para vir, mas não tenho sido bem-sucedido.

– Espera, a tua voz... – Gonçalo foi forçado a recordar-se, a andar alguns meses para trás. Onde teria ouvido aquela voz? – Eu ouvi-a, várias vezes a chamar por mim... pensei que estava a ficar maluco, ou coisa assim.

– Sim, eu tentei, tentei com todas as forças que tinha – disse o arcanjo, como se o simples facto de falar no assunto o esgotasse. – Antes, não podia arriscar a aparecer-te em sonhos, a tua fé estava abalada e não conseguia entrar neles, por isso arrisquei a tentar falar contigo durante a vigília, na esperança de que me ouvisses, mas não consegui. As poucas vezes que tentava era... impedido.

– Impedido? Impedido por quem? Quem é que pode impedir um anjo de fazer seja o que for? Deus?

– Não, Deus não. Outros anjos – Gonçalo mostrou-se surpreso. – Gonçalo, os outros anjos e arcanjos não se querem meter, nem ajudar nesta tua missão. Acham que vocês, a humanidade, merecem tudo o que estão a passar, merecem o Apocalipse, serem erradicados da face da Terra para tudo começar de novo. Acham que vocês não são dignos da confiança do nosso Pai. Passam a vida a desobedecer-Lhe e está na altura de pagarem por isso. E além disso, estamos a travar a nossa própria guerra.

– A vossa guerra? Os anjos travam guerras?

– Gonçalo, um dia, se tudo isto acabar, devias ler a Bíblia com mais atenção – Gonçalo interrogou-o com um olhar. Achava que tinha lido com atenção suficiente. – O que pensas que nós somos?

Para que achas que fomos criados? Como imaginas um anjo?

– Bem, nunca pensei nisso – Gonçalo coçou a cabeça. – Os anjos são, sei lá, crianças, que vestem túnicas brancas, com asas brancas.

– E tocam clarim – desdenhou o arcanjo. – Essa é a ideia que os Homens têm dos anjos. Tenta antes imaginar um guerreiro arnesado.

– Um guerreiro?

– Sim. Os anjos são guerreiros, soldados de Deus, criados para O servir, e isso inclui combater as forças de Lúcifer. Desde a revolta que os anjos e os demónios travam batalhas. Os demónios querem conquistar o Céu e os anjos devem protegê-lo. Vocês nem se apercebem, as batalhas são travadas num outro plano, mas as coisas estão feias, Gonçalo.

– Como assim, feias?

– Tal como na Terra, também no Inferno os demónios estão cada vez mais fortes, mais audazes e não têm medo. Cada vez entram mais almas condenadas no Inferno e Lúcifer está a transformá-las em demónios, aumentando assim o seu exército. Gonçalo, tivemos de fazer uma coisa de que não há memória: fechámos as portas do Céu.

– As portas do Céu? Fechadas? Bem, na realidade nem sabia que havia portas no Céu.

– Da mesma maneira que há um portal que deixa entrar as almas condenadas no Inferno, nós também temos uma no Céu. Neste momento, as almas salvas, destinadas ao Paraíso, estão confinadas ao Purgatório, não sabemos durante quanto tempo. Isso é uma grande derrota para nós. Lutamos com quantas forças temos, anjos soldados, arautos, arcanjos, serafins e querubins... Todas as castas, das mais poderosas às mais fracas, e já perdemos tantos irmãos... – uma tristeza palpável apoderou-se da expressão do homem em que o arcanjo tinha encarnado.

– Então por que estás aqui? Estás sozinho?

– Porque ainda acredito em vocês, tal como acreditava o meu irmão Miguel – confessou Gabriel. – Acho que o nosso Pai está desiludido com vocês, mas já não é a primeira vez que ordena a vossa extinção e depois se arrepende. Apesar de tudo, vocês são a Sua

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

criação mais querida...

– Então, por que é que Deus não faz nada? – perguntou Gonçalo.

– Deus vai ficar de braços cruzados enquanto nós somos controlados pelos demónios? – questionou com tom acusador na voz. – Que pai abandona assim os filhos, quando mais precisam dele?

– E podes censurá-lo por isso, Gonçalo? – questionou Gabriel, erguendo a voz. Gonçalo não respondeu. – Mas não, Deus não ficou de braços cruzados, como tu dizes, nem vos abandonou. Acaso não despertou o poder no teu sangue? Porque achas que o fez?

– Bom...

– Para dar uma oportunidade, uma última oportunidade, para vocês remediarem a porcaria que têm feito! Desde o início dos tempos que a humanidade já passou por muitos Apocalipses – disse Gabriel.

– Em muitos deles foram travadas batalhas tão secretas que a maioria nem se deu conta, mas até agora a coisa tem corrido de feição ao Homem.

– Até agora – repetiu Gonçalo.

– Até agora – anuiu Gabriel. – Mas, Gonçalo, se Deus viu em ti uma esperança de salvar a Sua criação mais querida, então deves agarrar-te a isso, e ter fé. Talvez não saibas, mas Deus ama-vos tanto que fez uma coisa por vocês que os outros deuses não fizeram...

Gonçalo parou abruptamente e franziu o sobrolho. Não tinha a certeza de ter ouvido bem. “Outros deuses”? Gabriel reparou na expressão do rapaz e pareceu ler-lhe o pensamento.

– Vocês humanos e a vossa arrogância – acusou o arcanjo, cruzando os braços. – Acham que o Universo gira à vossa volta, não é?

– Não é isso... tudo o que me estás a revelar, é muita informação de uma só vez.

– O Universo onde habitas não é único – revelou Gabriel. – Há infinitos Universos, e todos eles têm um Deus, mas desengana-te se achas que todos são misericordiosos como o nosso Pai – disse em tom acusatório. – Todos os outros deuses são aquilo que vocês chamam de tiranos. Regem os mundos como bem entendem... criam, destroem, conforme o humor com que acordam. Sempre que desencadeiam um Apocalipse, não dão oportunidade de ninguém se

salvar. Mas o teu Deus, o nosso Pai, sempre fez com que a balança fosse equilibrada, e dotou todas as criaturas com uma capacidade que fez com que fosse criticado pelos seus iguais.

– Que qualidade?

– O livre arbítrio.

– E ele ter feito isso, é mau?

– Não, a meu ver não, mas Deus fez com que vocês fossem donos e senhores do vosso próprio destino e que O chegassem a questionar, e olha no que isso deu.

As palavras de Gabriel eram acertadas, todas elas. A arrogância e a ganância tinham levado o mundo ao estado em que estava agora. Talvez merecessem o que estavam a passar, talvez merecessem ser exterminados e tudo começaria de novo, mas estava decidido a lutar até ao seu último fôlego para deter o Apocalipse e impedir que Lúcifer emergisse do Inferno.

– Se calhar merecemos isto tudo – disse Gonçalo, agora mais à vontade junto de Gabriel –, mas Ele vai ajudar-nos, ou não?

– Neste momento, não mais do que ajudou até agora – afirmou Gabriel, pesaroso – e proibiu-nos de vos ajudar. Acredita, está mesmo desiludido com a Sua criação.

– Então, por que estás aqui? Estás a desobedecer a Deus?

– À semelhança de Miguel, também eu ainda acredito em vocês, apesar de entender a posição dos meus irmãos. Muitos de nós vimos Deus, estivemos junto a Ele, ouvimos as Suas palavras, e mesmo assim Ele ama-vos mais do que a nós, apesar de vocês serem uma desilusão atrás de outra.

– E tu, o que sentes? – arriscou Gonçalo.

– Não temes as perguntas nem as respostas, pois não?

– Que mais hei-de temer, a não ser a aniquilação na minha raça? Gabriel sorriu. Igualzinho a Miguel.

– Acho que vocês têm muito para dar e apesar de tudo, das dificuldades por que passam, acabam sempre por mostrar o que há de melhor na criação do Pai. Em tempos difíceis mostram união, valor, força, misericórdia. Vão buscar forças quando elas estão esgotadas, coragem quando as trevas tomam conta dos vossos corações. Vocês

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

são melhores do que os anjos. Deus também nos criou com a capacidade de escolhermos o caminho a seguir. Por que achas que Lúcifer se revoltou?

– Ok, ok! Já percebi, pelos vistos merecemos isto tudo, mas então, como é que nos vais ajudar? Vais lutar ao nosso lado?

– Não. Para isso teria de cair, de abandonar o Paraíso e com isso abandonar os meus irmãos, e não estou preparado para isso. Eles precisam de mim. Apenas em último caso faria isso.

– Então, como nos vais ajudar? Não estou a perceber.

– Vou tentar ajudar-te a encontrar os bocados da espada do meu irmão Miguel. É a única ajuda que te posso dar, agora que estás ao corrente de tudo o que se passa na Terra e no Céu.

– Sabes por onde foram espalhados os bocados da espada?

– Não, não sei. Infelizmente, desde que a espada foi destruída perdemos-lhe o rasto e não sabemos o que foi feito dela, mas encontrá-la é a única maneira desta guerra ficar equilibrada, daí querer ajudar-te nisso, Gonçalo. Quando Lúcifer se tornar poderoso o suficiente para abandonar o Inferno, nada vamos poder fazer contra ele. A espada de Miguel é a única arma capaz de o travar e apenas tu podes fazer com que volte a refulgir no seu total esplendor e com todo o seu poder. Farei tudo ao meu alcance para te ajudar a encontrá-la.

– Mas se eu a encontrar, como é que posso enfrentar Lúcifer? – perguntou Gonçalo. Uma ideia atravessou-lhe a mente. – Terei de combater ao vosso lado? Contra as forças do Inferno?

Gabriel sorriu.

– Não – respondeu o arcanjo –, podes fazer o teu trabalho cá na Terra. Os poucos demónios que envias de volta para o Inferno com os vossos métodos são erradicados do vosso plano, mas engrossam as fileiras de Lúcifer. Cada demónio enviado de volta é mais um soldado inimigo. Enquanto o poder de Lúcifer cresce, o nosso diminui a cada dia. Com a Espada de Miguel, cada demónio que derrotes será erradicado para sempre. E com a Terra livre do poder de Lúcifer, o poder dele no Inferno também vai diminuir, vai-nos dar uma hipótese de equilibrar a balança. Não te esqueças que as almas perdidas são como alimento para o rei do Inferno e quantas mais

almas recolher, mais poderoso vai ficar. Ultimamente, Lúcifer tem sido mais alimentado do que nós – disse Gabriel com a voz pesada, triste, pelo caminho tortuoso que a humanidade levava.

Gonçalo colocou um ar pensativo. Realmente, não tinha pensado nisso, nem tão pouco sabia o que se estava a passar no Céu, mas cada demónio derrotado era enviado de volta. Não era morto, era lógico que era transformado em soldado.

– Neste momento, após teres derrotado Lilith, o poder de Lúcifer viu-se abalado. Subestimou-te, e não vai voltar a fazê-lo. Está a recuperar da derrota e até nós conseguimos recuperar um pouco o fôlego, mas quando voltar, a ira vai ser a sua maior motivação. Lúcifer não tolera ser humilhado, é demasiado orgulhoso para isso.

– Mas afinal, o que posso fazer? Por favor, guia-me!

– Há alguém que...

Tudo à volta deles tremeu, sem aviso. O solo abanou violentamente, nuvens negras deslizaram rapidamente sob o céu azul, trazendo consigo relâmpagos de luz branca, tão branca que cegava. O vento soprou violentamente, a erva verde soltou-se com bocados de torrões do chão, fustigando a cara de Gonçalo, que ergueu o braço para se proteger.

Gabriel permanecia estático, mas alerta. Sentia tanta energia. Ergueu a cabeça, seguindo os raios que percorriam as nuvens negras como uma corrente elétrica.

– O que é isto? O que se passa? – perguntou Gonçalo aos berros para se fazer ouvir por cima da tempestade.

O vento uivava violentamente e o solo por baixo deles começava a fender-se. Manter-se equilibrado parecia uma tarefa hercúlea.

– Gabriel!

– Encontraram-me – gritou Gabriel, enquanto via os raios de luz a faiscarem por cima deles cada vez com mais intensidade.

– Quem são eles? – perguntou Gonçalo.

– Os outros anjos – gritou Gabriel, olhando para todos os lados, assustado. – Pensei que estivesse seguro, mas enganei-me. – Olhou para o rapaz e segurou-o violentamente pelos ombros. – Tens de acordar. Se eles te encontram, fazem com que nunca mais acordes.

O Despertar do Nefilim - A Batalha dos Caídos

Acorda, Gonçalo!

O chão tremeu mais violentamente e Gonçalo caiu. Dezenas de pontos luminosos faiscaram no interior das nuvens que rodopiavam em torvelinho, anunciando uma tempestade.

– Não! – gritou o rapaz. – A Espada! Como posso encontrá-la?

– Agora não há tempo! Eu vou voltar para te ajudar, prometo-te!
Acorda, Gonçalo!

Os pontos luminosos juntaram-se no centro do remoinho negro em que se tinham transformado as nuvens, formando uma bola de luz resplandecente cuja energia era sentida por Gonçalo.

– Não! – o vento ciclónico soprava tão violentamente que as ervas fustigavam o rosto do rapaz como chicotadas. – Diz-me como posso encontrar a espada! Quem me pode ajudar?

– Acorda, Gonçalo! – gritou Gabriel desesperado, com urgência no olhar.

A bola de luz lançou pontos luminosos em direção ao solo, fazendo-o tremer ainda mais, lançando uma onda de impacto que vibrou por todo o lado, lançando Gonçalo pelo ar.

– Acorda, Gonçalo! – voltou a gritar o arcanjo.

– Não! – Gonçalo tentava levantar-se, tentando equilibrar-se no meio do sismo que abalava os alicerces daquele jardim.

O vento soprava com mais força, o solo abria-se. Os pontos de luz tomavam formas humanas e erguiam-se do solo.

– Vai! Não os podes ver! Não estás preparado! Vai!

Gonçalo levantou-se finalmente e a custo, viu a imagem do seu pai a reluzir, a brilhar como nunca uma luz tinha brilhado. Os olhos, a boca, a pele brilhava e ele fitava o rapaz. Ergueu a mão e a sua palma brilhou com uma bola de luz.

– Acorda, Gonçalo! – gritou mais alto. – ACORDAAAAAA-AA!!!!!!!

A luz partiu da palma da mão do arcanjo com uma intensidade igual à do Sol. Gonçalo protegeu-se com os braços, as palavras de Gabriel ecoaram-lhe na cabeça, ameaçando rebentá-la e a última coisa que sentiu foi uma luz quente a envolvê-lo...

